

Criminalização da pobreza em Vitória da Conquista: O que a mídia retrata e o que realmente acontece nos bairros Periféricos Conquistenses.

Lucas Eduardo Dantas¹

Resumo: O presente artigo é o resultado de nove meses de pesquisas e análises realizadas em zonas periféricas de Vitória da Conquista. O objetivo de tais análises foi tentar comparar inicialmente, a imagem veiculada pela mídia local destes lugares considerados perigosos, que são tratados como áreas de forte fluxo de tráfico de drogas e assassinatos. No entanto, este ensaio vem justamente em contraponto a tal perspectiva, podendo comprovar com dados empíricos obtidos em pesquisas de campo, que a verdadeira situação dos bairros visitados não condiz com o estereótipo divulgado pelos veículos comunicacionais da cidade.

Palavras-chave: Pobreza, Vitória da Conquista, Periferia, Estigmas.

Introdução

A imagem criada pela massa quando se trata de “favela”, geralmente, está ligada ao pensamento de pessoas pobres que residem em tal local por pura necessidade, já que não teriam mais para onde ir. Na cidade de Vitória da Conquista, bairros como Guarani, Petrópolis, Pedrinhas e o assentamento Santa Marta, nas redondezas do município, se encaixam de forma estrutural no conceito aplicado sobre a palavra dita acima. Porém nos documentos oficiais da prefeitura da cidade, estes não são classificados com tal termo, e sim como bairros normais, como todos os demais existentes na comunidade. Para fazermos uma diferenciação usando termos corretos, chamamos de “aglomerados populacionais urbanos, não urbanizados”, logo que todos os já descritos acima (Guarani, Petrópolis,...) se encaixam nessa definição, no momento em que não possuem uma estrutura básica para boas condições na vida de seus moradores.

Os veículos de informação da cidade, sempre tratam tais locais em seus noticiários e manchetes de jornais como zonas ativas de tráfico de entorpecentes, além de apontarem para uma suposta taxa elevada de homicídios no local. Não venho aqui dizer que tais fatos não existam ou que as seguintes estatísticas sejam forjadas, muito pelo contrário, a violência no local se apresenta sim, assim também como em todas as áreas da cidade. A problemática que venho a colocar em pauta nesta discussão está

¹ Estudante de graduação do 3º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, email: lucavlfsa@gmail.com

voltada mais para o estigma criado sobre a população dessas áreas. A mídia, enquanto formadora de opinião e (de) formadora do imaginário social, acaba de certa forma passando para o corpo social um preconceito que está intrínseco em suas notícias, construindo uma imagem deturpada desses cidadãos de baixa renda residentes dessas “zonas de risco”.

Pierre Bourdieu assimila essa estigmatização ao lugar onde o indivíduo monta sua morada, acrescentando ainda que seriam os “fantasmas do empirismo” estes a alimentar os rótulos sobre essas populações. O francês Michel de Certeau trata um pouco mais com um enfoque na questão do discurso, onde entraremos na problemática do discurso e sua mudança de acordo com o seu interlocutor. José Luis Caetano da Silva puxa um pouco a discussão para a marginalização desses indivíduos com relação ao tráfico e os problemas enfrentados em uma sociedade classista.

Metodologia

Foram realizados estudos teórico-metodológicos relacionados ao assunto pesquisado, anteriores a ação em campo. Em uma segunda etapa, partiu-se para o campo para aplicação de questionários além de entrevistas com os moradores dos seguintes bairros. Todos os dados obtidos na pesquisa foram fruto desses estudos e de tais ações, não precisando assim recorrer a nenhum órgão de pesquisa especializado.

Bourdieu, O Efeito de Lugar e a superficialidade Jornalística.

De acordo com o ponto de vista defendido pelo sociólogo Pierre Bourdieu, O indivíduo nada mais é do que o resultado de sua interação com o meio em que vive. Logo, se este indivíduo reside em uma localidade desfavorecida, as chances de ascensão social do sujeito serão muito reduzidas, restando a ele continuar a lógica do espaço. Tratando do ponto de vista midiático, a estigmatização dessas pessoas se deve unicamente por serem um reflexo do espaço em que moram, e a sociedade, alimentada por fantasmas burgueses empiristas (BOURDIEU,1997), generaliza todos que vivem em uma comunidade como sendo da mesma índole.

Fantasmas, alimentados de experiência emocionais suscitadas por palavras ou imagem mais ou menos não controladas, como aquelas que a imprensa do sensacionalismo, a propaganda ou os boatos políticos veiculam. (BOURDIEU, 1997, P.159)

Partindo de tal frase, norteamos o foco de nosso discurso, tentando analisar os elementos e ferramentas usados pela mídia para criar tais imagens sobre as populações dos bairros periféricos. Em certos casos, há interesses por trás dessas construções midiáticas, onde o ato de criminalizar a população pobre do local seria movido por interesses econômicos maiores. O próprio movimento de especulação imobiliária desses locais já é suficiente para a tentativa de expulsão dos moradores da área, o processo de estigmatização nesse caso serviria como algo que trouxesse a sociedade para o lado do “desenvolvimento social”, onde o despejo dessas pessoas fosse algo em prol do bem futuro da comunidade.

Em alguns casos, palavras como “invasão” são utilizadas, com o objetivo de descaracterizar os indivíduos instalados nessas regiões, pelo fato de que juridicamente estão com suas moradias irregulares. O principal motivo, como já foi dito, se deve pela especulação imobiliária sobre o terreno. Logo, os detentores de construtoras, imobiliárias, corretoras, coligadas com o veículo de comunicação da cidade, fazem de tudo para conseguir despejar os moradores da área específica desejada. Pesquisas realizadas nesses locais conseguem expor de forma clara que a ocupação residencial em tais regiões não são fruto de uma invasão ilícita, no momento em que os moradores que ainda moram no local, tenham, em sua maioria, mais de 20 anos no lugar, data em que no passado, o terreno não era usado por nenhum órgão público e nem pela iniciativa privada: levando em consideração todos os locais pesquisados, bairros como o Petrópolis e o Guarani apresentaram mais de 44% de sua população declarando-se residente no conjunto há mais de 20 anos, e na região do Assentamento Santa Marta, esse percentual sobe para 45%.

Outro Argumento interessante trazido por Bourdieu trata justamente desse compartilhamento simbólico que há no Bairro Pobre:

O Bairro Chique, como um clube baseado na exclusão ativa de pessoas indesejáveis, consagra simbolicamente cada um de seus habitantes, permitindo-lhes participar do capital acumulado pelo conjunto dos residentes: Ao contrário, o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que habitam, e que, em troca, o degradam simbolicamente, porquanto, estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos jogos sociais, eles não tem em comum senão sua comum excomunhão. (BOURDIEU, 1997, p.166)

A partir deste argumento do sociólogo, fica muito claro o que ele trata como o Efeito de Lugar e a ligação que podemos fazer com o panorama da cidade de Vitória da Conquista, a partir da visão dos bairros da periferia. O Guarani e o Petrópolis, por exemplo, são bairros considerados perigosos pela violência e pelo tráfico, visões estas construídas pela mídia e reproduzidas pelos próprios moradores do bairro, que acabam degradando o local e eles próprios, que por habitarem o local, são estigmatizados. É visível o poder que a televisão dispõe sobre essas pessoas, logo que estes, mesmo residindo no local, se adaptam ao discurso de terceiros sem perceber que tal retórica não condiz com a realidade vivida. Esse contraste entre o choque de discursos (o real e o reproduzido pela mídia) pôde ser percebido analisando os dados oferecidos pelas pesquisas de campo, que apontam dois fatores interessantes: 33% dos moradores locais (Guarani, Petrópolis) apontam a tranquilidade ou a segurança como pontos fortes do local, enquanto 31% apontam justamente a violência como um dos principais problemas. Ao serem perguntados se algum deles já presenciou algum ato como estes, 75% alegaram a televisão como fonte de sua informação.

Se tratando de Sensacionalismo ou da superficialidade que jornalismo dá com relação a problemas de origem sociais em áreas periféricas, Bourdieu e Champagne tecem algumas críticas que dizem respeito à conduta e ao modo que os jornalistas tratam esses temas.

Bourdieu afirma que o interesse do profissional da comunicação ao adentrar em certos ambientes é buscar aquilo que lhe chame a atenção, que lhe é latente, não importando se está retratando a verdade do fato acontecido:

Os jornalistas, submetidos as exigências que as pressões ou a censura de poderes internos e externos fazem pesar sobre eles, e sobretudo a concorrência, portanto a urgência, que jamais favoreceu a reflexão. Propõe muitas vezes sobre os problemas mais candentes, descrições e análises apressadas, e amiúde imprudentes; e o efeito que produzem, tanto no universo intelectual, como no político e ainda mais pernicioso, às vezes, porque estão em condições de se fazer valer mutuamente e de controlar a circulação dos discursos concorrentes, como o da ciência social. (BOURDIEU,1997.p.733)

Aqui, é mostrado o caráter superficial com que os jornalistas tratam essas questões sociais (problemas estruturais da sociedade). Tal superficialidade prejudica e muito as zonas pobres das cidades, no momento em que a verdadeira intenção do jornalista não é expor a realidade social desses locais e sim buscar o apelo aos sentidos, ao sensacional.

A seguinte ação acaba moldando a opinião da sociedade sobre um bairro ou zona específica, gerando assim, a estigmatização desses locais pela mídia.

Champagne aborda de uma forma mais objetiva o tratamento dado pelos jornalistas ao que ele chama de “mal-estar social”, afirmando que estes só tem a visibilidade necessária de forma deturpada, apelando para o dramático, distorcendo o fato. Ele faz uma rápida diferenciação entre o olhar jornalístico e o olhar sociológico, a partir de um acontecimento comum. A seguir, um pequeno fragmento de texto, onde o sociólogo expõe uma opinião sobre o jornalismo no trato dos problemas sociais:

Os mal-estares sociais não tem uma existência visível senão quando se fala deles na mídia, isto é, quando são reconhecidos como tais pelos jornalistas. Ora, eles não se reduzem apenas aos mal-estares sociais midiaticamente construídos, nem, sobretudo, à imagem que os meios de comunicação dão deles quando os percebem. Sem dúvida, os jornalistas não inventam em todas as matérias os problemas de que falam. Eles podem pensar, não sem razão, que contribuem para torna-los conhecidos e fazê-los entrar, como se diz, no “debate público”. Seria ingênuo deter-se nesta constatação. Os mal-estares não são todos igualmente “mediáticos”, e os que sofrem inevitavelmente um certo número de deformações a partir do momento em que são tratados pela mídia porque, longe de se limitar a registrá-los, o tratamento jornalístico fá-los experimentar um verdadeiro trabalho de construção, que depende muito amplamente dos interesses próprios deste setor de atividade. (CHAMPAGNE, 1997. p.63)

Partindo para uma diferenciação de um olhar da mídia para um olhar da ciência social, Champagne afirma que para se constatar em sua essência, as causas de um mal-estar social, é necessário que o sociólogo, no caso, viva este mal-estar de uma forma que possa conseguir ver realmente como ele age sobre o grupo referido, podendo assim, apontar corretamente os fatos causadores e as soluções possíveis. Como o jornalismo trabalha sempre com a questão da urgência, dificilmente um jornalista terá tempo e capacidade de percepção suficiente para poder ter uma análise tão completa e embasada como a do cientista social, o que acarreta uma visão superficial, apelativa e que sempre levará para a estigmatização.

A trajetória como seu próprio discurso

O discurso mediático, quando direcionado a massa, carrega um teor ideológico muito forte. Os programas de Grande audiência das emissoras televisão e rádio, o editorial de um jornal impresso, possuem algumas ferramentas simbólicas que são denominadas como Elementos Constitutivos (LIMA, 2001), estes que são caracterizados pelo modelos/padrões criados pela mídia. A imagem que se tem sobre o

morador de periferia, que foi criada pela mídia, é a que a maioria da população burguesa adota: Pobre, preto, morador de uma residência mal construída, criado em uma família sem valores morais, desestruturada, sem acesso a educação básica e reprimido pelo aparato de segurança do Estado. Este é o modelo construído pelo Mass Media e que a sociedade toma como conceito próprio de seu imaginário social.

Certeau analisa justamente esta questão do discurso, onde alega que existem os indivíduos que não possuem discurso, onde seu discurso é sua própria caminhada, sua vida. Analisando essa afirmação e o discurso difundido pelos media, podemos classificar dois tipos de discurso: O alienatório, que seria o discurso da mídia sobre o indivíduo, e o alienado, que seria esse discurso reproduzido pelo sujeito que antes era desprovido de discurso algum. Ainda com relação a isso, uma das críticas que Certeau faz à Bourdieu está justamente ligada com o conceito de discurso dos dois autores, onde Certeau diz o seguinte:

“Como os indivíduos não sabem, propriamente falando, o que falam, o que fazem tem mais sentido do que o que sabem.” “Douta ignorância”, portanto, habilidade que se desconhece.

Com essas “estratégias” regidas pelo lugar, sábias mas que se ignoram, está de volta a etnologia mais tradicionalista. Nas reservas insulares onde as observava, ela considera, com efeito, os elementos de uma etnia como coerentes e inconscientes: dois aspectos indissociáveis. Para que a coerência fosse postulado de um saber, do lugar que ele se dava e do modelo de conhecimento ao qual se referia, dever-se-ia colocar esse saber à distância da sociedade objetivada, portanto supô-lo estranho e superior ao conhecimento que a sociedade tinha de si mesma. A inconsciência do grupo estudado era o preço a pagar (o preço que deveria pagar) por sua coerência. Uma sociedade não poderia ser um sistema a não ser sem sabê-lo. Hoje o etnólogo não ousaria mais dizê-lo (senão pensa-lo). Como é possível que Bourdieu assumia esse compromisso a título de sociólogo? (CERTEAU, 1994. p. 124)

A crítica que Certeau faz a Bourdieu no seguinte fragmento relaciona diretamente a visão aplicada por cada um sobre o discurso social. A “douta ignorância” trata justamente isto: Como pode um indivíduo que não sabe o que faz, apenas faz, ter um discurso (FOCAULT) dentro de um grupo social objetivado? Bourdieu afirma que este indivíduo, quando não possui discurso, reproduz o discurso do grupo ou o discurso que lhe é imposto. A televisão, através do maquinário da indústria cultural, seria umas das responsáveis por essa imposição sobre esses indivíduos “occos” de qualquer tipo de ideologia. Portanto, o discurso alienatório da TV, transforma-se em alienado, no momento em que o sujeito o adota e “constrói” seu discurso relacionado a este.

Certeau aponta para o erro dedutivo de Bourdieu, em que ele defende os efeitos étnicos como coerentes e inconscientes. Certeau irá chamar o reflexo do discurso alienatório sobre o indivíduo de “retóricas ambulantes”, o homem sem ideologia, logo que sua retórica irá representar esta ideologia de uma forma mais objetiva, concisa e estrutural.

As “retóricas ambulatórias” é o que Michel de Certeau caracteriza como as caminhadas que o sujeito realiza sobre a estrutura geográfica da cidade, e esta seria classificada como seu próprio discurso. O espaço físico se apresenta como a língua, o próprio discurso, e seus passos seriam as enunciações, a sua retórica, que vem a ser definida pelos seus pisadas. Este “discurso” que o ser humano escreve no meio urbano com suas caminhadas torna-se sua própria ideologia, uma retórica nômade.

A sua trajetória é o espelho de sua história, da sua ideologia, da sua cultura. O meio exerce efeito sobre o indivíduo (BOURDIEU), no entanto o ser constrói o seu próprio meio através dos passos que dá, e todo resultado disso é que Certeau vai chamar de discurso, de “retóricas ambulatórias”.

A divisão de classes e o fornecimento de instrumentos à cultura

Indiretamente relacionados, o conceito de classe, delimitado pelo acúmulo de Capital Econômico, apresenta certa influência na construção e na obtenção do Capital Cultural.

Partindo inicialmente para suas definições, o Capital Cultural é o acúmulo teórico necessário para a interpretação de assuntos posteriores a este, uma base de todo conhecimento armazenado pelo indivíduo. Ele é dividido, segundo a lógica usada por Bourdieu, em Três estados: O Capital Cultural incorporado, o objetivado, e o Institucionalizado. (BOURDIEU, 1979)

O Estado aparece como detentor deste capital cultural, e através da ferramenta de ensino (escolas, universidades), ele executa a distribuição deste no meio social. No entanto, tal distribuição acontece de forma irregular, seguindo a lógica burguesa praticada pelo Estado, logo, será de acordo com o Capital Econômico que o Capital Cultural será oferecido. É clara a diferença em esta distribuição, realizada de acordo com a classe social.

Na área coberta pela pesquisa realizada, um percentual insignificante de moradores (4,6%), detinha conhecimento escolar suficiente para poder ter acesso, simbolicamente, a certo nível de cultura. O investimento cultural da prefeitura em

ambos locais percorridos é inexistente, e apenas alguns moradores queixam-se pela falta desses investimentos, já que parte dos moradores nunca teve a oportunidade de experimentar tais privilégios, não tendo como reclamar do que não sabem e não conhecem.

A marginalização do morador e sua ligação com o tráfico de drogas

A mídia burguesa se apresenta em nossa conjuntura, como já foi falado, como o instrumento criador de falsas imagens de nosso cotidiano. A marginalização de zonas pobres como bairros periféricos favelas se dá muito por essa questão. Um dos principais fatores para esse processo de marginalização é o tráfico de drogas, que assola algumas dessas comunidades na cidade de Vitória da Conquista, mas não só do município citado, como da maioria das cidades de todo país.

As favelas, por apresentar condições de infraestrutura ruins, e pelo fato de que em alguns pontos delas existam atividades ilegais relacionadas com o tráfico de drogas, tem a população local, em sua totalidade, estigmatizadas, logo que o pensamento do senso comum os estereotipa como todos participantes desse sistema ilícito.

A questão da estrutura física dos bairros pobres, de certa forma, facilita o movimento de estigmatização com mais rapidez, isso devido a uma construção ilusória por parte dos Mass Media e implantada no imaginário social, que possui “pré-visões” de como seria um bairro perigoso, estrutural e etnicamente falando. Este tipo de imagem construída no plano simbólico é, para maior parte da sociedade, o conceito que todos têm sobre a favela. Nesta ilusão, alimentada pelo fantasma burguês do senso comum, o bairro pobre é composto principalmente por: ladrões, assassinos e traficantes, em sua maioria foragidos do Estado, escondidos na “fortaleza” que seria a favela; onde o poder público se faz pouco presente e expressivo. Um dado importante dentro dessa perspectiva é que, da constituição populacional total de uma favela, apenas 5% dos moradores possui algum tipo de relação direta ou indiretamente com alguma atividade ilícita. Infelizmente, não vemos estatísticas como essa serem divulgadas pelos meios de comunicação de massa.

Adentrando mais ainda a questão do papel dos Mass Media na formação desses paradigmas colocados pelo imaginário social, partindo para uma análise do aspecto da presença do estado dentro dessas comunidades, o Antropólogo José Luís Caetano da Silva, discorre um pouco sobre esse suposto Estado “paralelo” que se acreditar surgir

quando o Estado se omite em algumas áreas com incidência de Tráfico de entorpecentes.

Temos visto, cada vez mais, uma complexa rede organizada de grupos criminosos capazes de mobilizar inúmeros indivíduos, financiar serviços comunitários, realizar obras de saneamento, promover atividades culturais, eleger representantes de bairro angariando votos para determinados parlamentares, promover um relativa “segurança pública” e, além de tudo, impor suas regras a toda uma comunidade que está sujeita a punições brutais no caso de transgressão destas “leis”. Cabe questionar, ainda assim, se estas características que indicam determinada forma de Estado, ou se esta situação aponta para uma constituição de um governo paralelo. (CAETANO DA SILVA, 2008)

A criação da definição de poder paralelo está baseada na justificativa de que nessas áreas, o Estado teria um poder paralelo a ele como concorrência. Este poder que se apresentaria como o crime organizado, exerceria todas as atividades básicas do Estado tradicional, a única diferença seria a matriz de seu poder, que proveria da origem do crime. No entanto, tal teoria nada mais é do que uma tentativa de inocentar o Estado de qualquer acontecimento social patológico que aconteça sobre o suposto domínio do poder paralelo.

Como Caetano da Silva explica, este poder paralelo é inexistente, logo que para o surgimento de um poder paralelo criminoso, a omissão do Estado é necessária, e nesse caso, tal omissão é analisada como uma ação, e o próprio Estado oferece assim, ferramentas para a manutenção de poder criminoso, e apenas ele (o Estado) tem a capacidade de extinguir essa ameaça de governo bandido.

Considerações finais

Após os estudos e pesquisas realizadas, pode se mostrar, ou pelo menos tentar mostrar, através deste ensaio, Algumas das muitas iniciativas que a grande mídia põe em prática sobre a sociedade como um todo, construindo e consolidando uma imagem de cunho preconceituoso, no intuito de excluí-los do resto do meio.

Entre os muitos teóricos apresentados, dados expostos e conceitos analisados, chegamos a um quadro em que delimitamos a conduta de alguns meios de comunicação da cidade de Vitória da Conquista, agindo com a intenção de estigmatizar a população pobre dos bairros periféricos da cidade.

A favela, pelo contrário do que muitos imaginam, e como foi dito acima, não um local dominado por criminosos, ou um lugar onde não existam pessoas de bem. É sim

um lugar carente de necessidades básicas de infraestrutura em geral, isto por causa do Estado que usa do pressuposto inexistente do poder paralelo para não se fazer muito presente nesses locais. É um bairro como qualquer outro, onde residem pessoas como todas as outras, e tem problemas sociais como todos os outros.

O discurso mediático preconceituoso invade a casa desses moradores da mesma forma que adentra a uma casa de uma zona rica da cidade, e talvez deforme da mesma forma a sua mentalidade. É triste ver moradores do próprio local preferirem atualizar-se sobre as informações do seu conjunto pela televisão - que distorce os fatos - ao invés de andarem pelas ruas do seu bairro, e constatar que toda aquela falácia divulgada pelo Mass Media não passa de sensacionalismo, dramatização e mentira.

Muitos acham que esses moradores, vão morar na periferia como uma última chance de vida social, aquele que de certa forma “não teria mais para onde ir”, uma ocupação por necessidade, por desespero, mas os verdadeiros motivos de se habitarem essas áreas felizmente, não são esses. Um exemplo muito útil que vem para quebrar de vez esse modelo de pensamento são os primeiros moradores do local (Guarani), que tem sua história traçada naquele ambiente, alguns até sendo nascido lá, e quando alguém os pergunta o motivo por estarem ali até hoje, a resposta é muito simples: “Eu gosto daqui, me criei aqui, é um lugar onde todos os moradores se conhecem, e acima de tudo, minha vida se resume a cada pedaço desse lugar, não teria motivo pra me mudar, este é o meu lar”.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de Lugar. In: _____(org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 159-166.

_____. Pós-escrito. In: _____(org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 733-736.

_____. Espaço social e gênese das “classes”. In: _____. **O Poder Simbólico**, Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 15ed. 2011. p. 133-161.

_____. Os Três Estados do Capital Cultural. In: Maria Alice e Fernando Catani (org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 2ed. p. 71-79.

CERTEAU, Michel de. A “Douta ignorância”: Bourdieu. In: _____. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 3ed. p. 117-129.

_____. Caminhadas pela cidade. In: _____. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 3ed. p. 169-191.

CAETANO DA SILVA, José Luís. Entre fantasmas burgueses e ilusões empiristas. In: _____ . **Do macaco ao alemão, sobrevivência e dominação. O cotidiano de favelização do subúrbio carioca.** Vitória da Conquista, BA: Edições Uesb, 2007.

_____. Entre fantasmas Burgueses e ilusões empiristas. **Favelização,** Vitória da Conquista, 2008. Disponível em: <www.brasilwiki.com.br/noticia.php?id_noticia=5838>. Acessado em 17 de abril de 2012.

_____. Quando os paralelos se cruzam: O Estado e o narcotráfico. **Favelização,** Vitória da Conquista, 2008.

CHAMPAGNE, Patrick. A visão Mediática. In: Pierre Bourdieu (org.). **A miséria do mundo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 63-79.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** São Paulo: Graal, 2006.

LIMA, Venício A. Cenário de representação política (CR-P): Um conceito e duas hipóteses sobre a relação da mídia com a política. In: **Mídia: Teoria e política.** São Paulo, SP: Perseu Abramo, 2ed. 2001. p. 175-213.